

PEQUENAS VITÓRIAS, MÍNIMOS GESTOS

Samuel Punzi

(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sou um cara preconceituoso. Eu e a torcida do Flamengo. Alguns disfarçam bem e escondem seu preconceito discretamente onde ninguém possa vê-lo, outros são mais descuidados ou mesmo sequer tentam disfarçar. Há ainda os que escondem seu preconceito no piercing ou... sob a tatuagem. Não pense que dizendo isso – e está dito – sou um cara que olha o diferente como se estivesse fora do mundo, não. O diferente está no mundo, *here and now*. Desde que vim morar em Vila Isabel, passei a observar a diferença de uma maneira que me era impossível antes. É que moro nas fraldas do Morro dos Macacos. Eles me olham também como um diferente em hábitos, roupas e comportamento. Sou dado a escrever durante boa parte do dia. A janela aberta para a luz do sol. Hábito aprendido, cultivado e transmitido de gerações mediterrâneas. Carrego ainda comigo este sentido da luz a me guiar o instinto. Eles passam e olham meus dedos estalarem sobre o teclado da máquina de escrever. Quando jogam algum resto de qualquer coisa à frente de minha janela não faço cara feia. Outro dia, aconteceu mesmo de um jovem de olhos verdes pular à frente de minha janela para pegar algo que deixara escapar de suas mãos. Aproveitei o momento como uma oportunidade de apresentação. Falei com ele:

–Por favor..., peça aos seus amigos para não deixarem cair restos aqui. Junta ratos, eu disse – pura mentira. Ora bolas, a frente de minha janela está sempre limpa pelo amigo que varre as ruas. Dou umas pratas para ele todas as semanas. Quando não estou por aqui, de retorno a casa vejo que o espaço está limpo. O jovem arregalou os olhos. Sei. Pensou que eu fosse brigar, exaltar a voz, ou um conflito qualquer... exasperar! Nada disso. Primeira palavrinha mágica: “*por favor*”. Ninguém peca por ser educado. Quem pensar diferente está enganado. A educação abre portas. Continuando. Peça aos seus amigos... Sem uso do imperativo, apenas um pedido. Ninguém se humilha em pedir um favor. Para não deixarem cair restos... Deixar cair... Eu sei que eles não deixam cair nada. Arremessam! No final, levantei

os dois polegares em sinal de positivo, piscando o olho. Posso contar com você? Nunca mais jogaram/deixaram cair nada à frente de minha janela e, ainda ouvi o primeiro segredando para o segundo: “o cara que mora aí pediu por favor...”

Pequenas vitórias conquistadas com mínimos gestos.

Acontece que ouvem uma música esquisita pacas que eu acho um horror e, ainda, no volume mais alto do amplificador. Agora estou ouvindo Bob Marley & The Wailers. Quanta diferença!

O pior é que ainda tem o pior. Todos os dias ouvem a mesma música. Como uma catequese. Pai, filho, espírito... amém! Todos os dias. E, todos os dias eu me irrito com essa ladainha repetitiva. “Bom dia, doutor!”, cumprimentam-me quando saio de casa. Calça de linho xadrez, camisa social, o cabelo para trás, os óculos de aro preto e grosso. Retrô ou vintage? Sei lá.

De Roland Barthes: "*o contemporâneo é o intempestivo*".

Aconteceu o seguinte, todas as sextas-feiras, a mesma música. Todas as sextas-feiras. De tanto ouvir, fiz o que mais gosto. Pesquisei. Foi uma experiência incrível. Refrãos entranhados aos meus ouvidos. Fácil buscar na internet. Foi então que me dei conta do tamanho do meu preconceito, da minha irritação em estar diante da diferença nada disfarçada da minha estante de livros do lado de cá, da falta de possibilidades do lado de lá... da rua. Encontrei a tal música que tanto eles colocam toda sexta-feira para tocar, às vezes mais de uma vez.

Eu tava doído pra cantar pra ela nosso som

Que escrevi ontem pensando no amanhã

E hoje eu tô aqui, despreparado

Preocupado com tudo ao redor

As pernas tremendo, a boca não abre

E não dá nem pra me mover

Talvez se eu tivesse ensaiado mais

Talvez se eu estivesse um pouco mais firme

Talvez esse borbulho no estômago signifique que nós combine

E nem precise de mais canções

Além do sons de voz enquanto converso contigo

Mas eu não consigo e tudo que eu não te digo aqui, Deusa

É que ontem eu pus no verso

Que eu tava doido pra cantar

Nosso som, escrevi ontem

E hoje eu tô aqui, doido pra cantar pra ela

Nosso som, nosso som

Depois que ouvi a música em minha casa, saída do computador para meu amplificador Pioneer, as caixas de som daquelas antigas, de chão, compradas nos anos oitenta com meu primeiro salário do banco onde trabalhava na adolescência, woofer de dez polegadas que ainda se aguenta, pude ouvir com nitidez como a música é bonita, com muita poesia, escrita com a linguagem falada por essa galera das ruas.

Ana capricorniana, nesse final de semana

Desculpa, mas não quero ver você partir (desculpa)

Amanhã acordo cedo, corre aqui, não tenha medo (vem)

O morro todo hoje quer te ver sorrir (Tiago Mac)

Quem é que tem coragem pra falar de amor? (Pra falar de amor)

Quem é que tem coragem de ser o que não é? (Quem tem?)

Fiz essa aqui na laje, esse fundo é montagem

Me diz o que cê quer pra aliviar essa dor (diz)

Fui de peito aberto pra fechar contigo (pra fechar contigo)

Seu mundo tava escuro, eu fui o seu farol (o seu farol)

Escolhas são escolhas, cê tem seus motivos (cada um de nós)

Mas quem quer viver na sombra não espera o sol (não espera o sol)

Cê sabe que a vida é um tecido fino (tecido fino)

Pois a qualquer momento pode se rasgar (a qualquer momento)

Talvez não seja nada, seja só o destino (só o destino)

*Era simplesmente a hora de tudo acabar (chama)**

Rap é arte de rua, skate na mão, *B. Boy* apresentando performance de street dance no vagão do metrô a caminho da estação General Osório aplaudido pelos passageiros. O fim da arte? Estamos sempre acalentando o fim. Francis Fukuyama alardeou nos anos noventa o fim da história, dominus tecum, spiritum tum passa

de mil, não passa de dois mil. O ano dois mil já vai longe, o mundo não acabou, a história não acabou, tampouco a arte. Esta sempre se renova, seja em que circunstância for e em qualquer lugar. O legal de ler/ouvir a poesia-música feita pelos garotos do coletivo “*Poesia Acústica*” é perceber que não repetem estrofes. Têm muito a dizer, por isso não são repetitivos. Onde posso ler/ouvir coisas novas, senão entre a

(*) *Poesia Acústica #3*

juventude das ruas apresentando – a diferença – música nova. Caetano Veloso também foi novo, também foi controverso e polêmico.

Sempre que quero ler algo que traduza a expressão poética que há nas coisas recorro a Mário Quintana. Ele soube como ninguém interpretar a poesia que há em toda a produção artística, em tudo. No livro “*Caderno H*”, de 1973, há essa parábola:

Poesia & Magia

A beleza de um verso não está no que diz, mas no poder encantatório das palavras que diz: um verso é uma fórmula mágica.